



> Artur Santos Silva deu uma aula de história, com críticas à estratégia de nacionalizações do passado

Banca

20 ANOS DE HISTÓRIA

O chairman do BPI passou em revista os últimos 20 anos da banca, destacando as suas alterações radicais.

Luís Madureira

O chairman do BPI, Artur Santos Silva, conhece bem o percurso histórico da banca portuguesa. Integrou-o nas mais diversas e voláteis fases político-económicas, desde o saudoso Banco Português do Atlântico até à fundação das primeiras estruturas do BPI, mais concretamente a Sociedade Portuguesa de Investimentos.

A convite da sociedade de advogados PLMJ, Santos Silva traçou, em Serralves (no Porto), no espaço de uma hora, as grandes linhas caracterizadoras da modernização da banca entre 1985 e 2005.

A primeira e inevitável referência foi para as taxas de juro. «Há duas décadas, houve momentos em que as taxas de juro efectivas andavam muito próximas dos 40% ou 50%», lembrou o banqueiro. Muito diferentes eram também as margens financeiras

da banca portuguesa – se no início da década de 90 rondavam os 5%, actualmente não atingem os 2%. Artur Santos Silva sublinhou múltiplas vezes a boa performance da banca portuguesa, apesar das contrariedades acima descritas.

No que diz respeito à poupança das famílias, Portugal registava em 1985 a maior taxa de poupança da Europa (24% do rendimento disponível), fruto das energias e constantes remessas de emigrantes. Hoje, apenas 11% do rendimento disponível é canalizado para fórmulas de poupança.

O banqueiro continuou a desfiar o percurso da banca nacional. Especial desta-

que mereceram a curva crescente do endividamento das famílias e empresas desde os anos 90 aos nossos dias, o aumento brutal da concessão de crédito para a compra de casa e o sustentado crescimento dos fundos de investimento no agregado de depósitos bancários – entre 1991 e 2004, o peso deste produto financeiro no total de depósitos passou de 9% para 18%.

Admirável, frisou, é o crescimento das estruturas físicas da banca nacional, no espaço de 15 anos. Em 1991, a rede bancária era constituída por 2.505 balcões. No ano passado, o valor atingia já os 5.487 espaços de atendimento ao público. Pelo contrário, no que diz respeito aos recursos humanos, houve um recuo dos 61 mil funcionários empregados na banca em 1991, para os 52 mil em 2004.

Artur Santos Silva lembrou ainda o sucesso das caixas Multibanco (ATM) em Portugal. «Foi das poucas coisas positivas saídas das nacionalizações. Felizmente, os bancos entenderam-se e articularam-se em rede». Em 1999, os pontos ATM ascendiam a 6.831, mas, passados cinco anos, o número tinha subido para 10.085 caixas Multibanco espalhadas pelo território nacional. Aliás, Portugal possui ainda hoje o melhor rácio europeu de número de operações ATM por habitante – 38, contra os 23 da média da União Europeia. O mesmo tipo de liderança é observável nas transacções realizadas com cartão, por ano e habitante.

Eficiência e rentabilidade foram mais alguns aspectos positivos destacados pelo banqueiro. «Temos dos melhores indicadores de eficiência da UE», sublinhou, referindo-se ao cost to income da banca portuguesa, ou seja, à balança sensível de custos e proveitos.

E o futuro do sector, como será? Artur Santos Silva considera que «a banca portuguesa deve encarar a implementação das novas normas de contabilidade IAS,

entender-se com os sindicatos no que diz respeito a uma maior flexibilidade na contratação colectiva, e continuar a promoção da formação profissional e a captação de talentos». Bem como, disse a concluir, «definir claramente regras de corporate governance». P

Capital de risco depende do empreendedorismo

Depois das «sugestões» do Presidente da República quanto ao papel mais interventivo que a banca deve ter na concessão de capital de risco, Artur Santos Silva voltou a «proteger» a sua dama. «O papel dos bancos não é disponibilizar capital de risco para as empresas. Os bancos têm que ser muito criteriosos na utilização dos depósitos dos seus clientes, para que todas as suas

responsabilidades com os depositantes sejam cumpridas», adiantou. Para o banqueiro, o grande problema nacional «é o espírito de empreendedorismo. É bom que os mais novos se sintam desafiados a avançar para a criação de empresas». Na sua opinião, «não há falta de capital de risco disponível, há sobretudo falta de vontade dos portugueses para assumirem riscos». P